



Memória radiofônica – a trajetória da escuta passada e presente de ouvintes idosos¹.

Graziela Soares BIANCHI²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos\RS

Resumo

As elaborações contidas nesse artigo indagam a maneira como os processos de escuta do rádio foram se configurando e participando na conformação de uma *memória midiática radiofônica* de ouvintes hoje idosos, e constituindo assim parte de suas *histórias de vida midiática*. Está se refletindo sobre como a *cultura midiática radiofônica* se desenvolve e gera sentidos, buscando descrever e analisar tais processos de uma perspectiva dos ouvintes. Ao elaborar questionamentos referentes à *memória midiática*, se está falando não de um simples acionamento de uma lembrança marcante, mas da marca de um forte relacionamento histórico e vital com o midiático, que possibilita aos ouvintes desenvolver a capacidade de estabelecer relações, de realizar comparações, de configurar competências radiofônicas e matrizes de gosto, fazendo com que passado e presente de referências midiáticas possam dialogar.

Palavras-chave: rádio; memória; idosos.

Problemática e contextualização

Como forma de situar os principais aspectos que alicerçam a investigação em desenvolvimento, considera-se que a problemática fundamental da pesquisa está relacionada aos processos existentes na constituição e explicitação da memória radiofônica de ouvintes que acompanharam o desenvolvimento dos processos radiofônicos de meados do século XX e que hoje são indivíduos idosos, considerando as apropriações, usos, mediações envolvidas em toda essa trajetória. São vitais para a pesquisa, desde sua gênese, até sua conclusão, os relacionamentos que emanam do entrecruzamento de questões relacionadas, prioritariamente, ao rádio e aos conceitos de memória e recepção, com enfoque em um público que atualmente figura como uma geração de idosos.

As elaborações contidas no trabalho se dão no intuito de indagar como os processos de escuta do rádio foram se configurando e participando na conformação de

¹ Trabalho apresentado ao GP Rádio e Mídia Sonora, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Doutoranda em Comunicação na Unisinos. grazielabianchi@yahoo.com.br



uma memória midiática radiofônica de ouvintes hoje idosos, e constituindo assim parte de suas histórias de vida midiática. Está se refletindo sobre como a cultura midiática radiofônica se desenvolve e gera sentidos, buscando descrever e analisar tais processos de uma perspectiva dos ouvintes.

Esse grupo específico de ouvintes, os idosos, constitui um dos pontos principais na conformação da pesquisa. Esse fato não se dá ao mero acaso, e traz consigo um elemento fundamental e intransferível para a problemática: os idosos são hoje em nossas sociedades os únicos indivíduos capazes de fornecer elementos que nos permitam realizar reflexões e elaborações acerca de uma memória radiofônica vivida nas últimas décadas. Ou seja, se a pesquisa se propõe a investigar a memória radiofônica a partir dos ouvintes, são os idosos que detém essa memória.

Ao elaborar questionamentos referentes à memória midiática, se está falando não de um simples acionamento de uma lembrança marcante, mas da marca de um forte relacionamento histórico e vital com o midiático, que possibilita aos ouvintes desenvolver a capacidade de estabelecer relações, de realizar comparações, de configurar competências radiofônicas e matrizes de gosto, fazendo com que passado e presente de referências midiáticas possam dialogar. É o desenvolvimento da história de vida radiofônica de cada um desses indivíduos, e que tem o seu valor também como história midiática, pois é vivenciada pelos ouvintes, está inscrita em suas memórias, é parte de toda uma experiência vivida com o midiático.

É a partir de abordagens dessa natureza que o trabalho em desenvolvimento busca se articular, com o intuito de compreender e analisar como os processos de midiatização radiofônica, a partir de meados da década de 30 do século XX, foram percebidos, compreendidos, significados, utilizados, relacionados por ouvintes que hoje são considerados idosos, a partir da sua inscrição na memória radiofônica desses indivíduos. Com base nessa abordagem principal é possível relacionar uma série de aspectos que estão presentes nesse contexto, e que de certa maneira, se apresentam interligados, como a presença de relações entre as matrizes radiofônicas relacionadas a programações de rádio de décadas passadas e as vigentes na atualidade.

São pelo menos duas vertentes bastante nítidas, operando como pontos-chave na investigação: a perspectiva, posição, situação, lugar que ocupa o receptor nesse processo comunicacional radiofônico, por uma parte, e o constante processo de midiatização que atravessa a existência dos indivíduos, e nesse trabalho em particular,



visto na perspectiva do rádio. Importante salientar uma vez mais que os processos radiofônicos interessam à pesquisa, em primeiro lugar, do ponto de vista do receptor, ou seja, o rádio e suas configurações refletidos e representados no âmbito da memória midiática que os ouvintes constroem nos processos de recepção radiofônica.

Assim, os direcionamentos são dados no sentido de identificar e sistematizar as apropriações, usos, recusas dos ouvintes realizados a partir da inscrição na memória midiática e também pela escuta de programações veiculadas atualmente, buscando perceber as semelhanças, distinções que podem ser expressas e evidenciadas na escuta radiofônica desses ouvintes.

De um ponto de vista midiático, busca-se também realizar ações de identificação e contextualização dos principais gêneros e formatos radiofônicos do passado e presente, buscando estabelecer suas possíveis relações. Desta maneira, também se objetiva compreender como os processos de mediação do rádio foram se desenvolvendo, relacionando as referências construídas na trajetória midiática dos ouvintes. Ainda no viés midiático, a observação e sistematização das principais matrizes, gêneros, formatos, protagonistas radiofônicos como importantes subsídios para se compreender configurações que se relacionem com a construção da memória midiática a partir da escuta radiofônica.

Perspectivas adotadas pela pesquisa

Em meio a uma profusão de aspectos relevantes, pertinentes e fortemente justificáveis de um ponto de vista midiático, o foco de interesse do campo de estudos ao qual me encontro inserida e vinculada como pesquisadora, sinto que há sentido em alargar, mesmo que momentaneamente, os horizontes para perceber importantes elementos constitutivos do processo de realização de uma investigação científica.

Esse horizonte ampliado, na minha percepção, está fortemente relacionado a um modo de entender o fazer científico, de conceber e trabalhar com as práticas envolvidas no processo de construção dessa modalidade de conhecimento. E, partindo desse ponto de vista, existem concepções presentes que, de maneira fundamental, validam ou mesmo amparam essas perspectivas. Jesús Martín-Barbero³, ao realizar uma espécie de re-visita aos caminhos por ele trilhados na sua trajetória como investigador, explicita o

³ Essas reflexões estão contidas na introdução da obra *Oficio de Cartógrafo – travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura*.



seu entendimento acerca de questões envolvidas na maneira como percebe e conduz o seu ofício. É nesse sentido então que, somente nas próprias palavras do autor, é possível perceber o grau de intensidade e de verdade contidos na suas vivências de pesquisa:

La reacción vino de la voz escandalizada de un participante que enfáticamente me preguntó: “Si todos los otros conferencistas están hablando del poder de los medios que hoy constituye la tecnología, ¿ que hace usted hablándonos de brujas y anarquistas? ¿ Me quiere explicar de dónde y a qué viene esa obsesión suya con lo popular?” Mi respuesta impensada – y que me ha dado mucho que pensar después – fue esta: “Quizás lo que estoy haciendo, cuando en la investigación valoro tan intensamente lo popular, es rendir un secreto homenaje a mi madre”. El largo silencio que siguió a mi respuesta me hizo caer en la cuenta de lo que de profunda sorpresa había en ella para mí mismo. Y a tematizar las razones y los motivos de la relación entre la desubicación, que mi posición teórica me acarreaba, y la sorpresa que yo mismo me acababa de llevar, dediqué De los medios a las mediaciones. Largo y difícil trecho pero secretamente iluminado (benjaminianamente) por aquel dicho de Gramsci: “solo investigamos de verdad lo que nos afecta”, y afectar viene de afecto. (MARTÍN-BARBERO, 2002, p.22).

Talvez não tenha encontrado até o momento palavras mais elucidativas e justas para expressar um ponto de vista do qual compartilho intensa e incondicionalmente. Uma perspectiva que enxerga os problemas/objetos para além de um recorte científico/pragmático, mesmo que reconheça e trabalhe de maneira detida e responsável, respeitando, reconhecendo e considerando todo o valor que carregam consigo. De todas as formas, reflito aqui acerca de tais questões porque as vejo como partes constituintes da maneira como percebo a investigação científica e que, de diferentes formas e intensidades, me afetam, como pesquisadora e como ser humano.

Estudar então configurações midiáticas que presentificam aspectos de uma memória radiofônica construída com o passar dos anos é buscar refletir sobre o que foi vivido, mas não uma vivência guardada no passado, e sim a experiência que ainda hoje está presente, pois configura a trajetória do indivíduo com as mídias. Essa é a perspectiva que busca compreender as configurações do relacionamento com o rádio a partir da experiência expressa por seus ouvintes no que diz respeito a uma trajetória de escuta construída e que constrói, com o passar dos anos, memórias radiofônicas que carregam todo um repertório de usos, competências e gostos criados e mobilizados.

Na perspectiva da atualidade, do que experienciamos hoje, pode-se dizer que cultura midiática (MATA, 1991) é cada vez mais presente nas diferentes sociedades. É



também o reflexo de uma centralidade que os meios foram adquirindo no cotidiano dos indivíduos. Pode se dizer que de certa maneira, essa prática está sendo cada vez mais “naturalizada”. Nesse sentido é que as sociedades são interpeladas a realizarem novos arranjos que dêem conta da complexidade que esses formatos impõem. A cultura midiática propõe “*un nuevo modo en el diseño de las interacciones, una nueva forma de estructuración de las prácticas sociales, marcada por la existencia de los medios*” (MATA, 1991). E no interior desses arranjos, uma profusão de relações possíveis no âmbito dessa cultura, onde o rádio figura como o meio de comunicação que acionou o caráter verdadeiramente massivo dos meios de comunicação.

A escolha do rádio como o meio de comunicação a ser investigado se dá também pelo caráter popular que traz em si; é muito provável que mesmo em uma residência de poder aquisitivo muito baixo seja encontrado um aparelho radiofônico. E a questão relacionada ao popular é importante na medida em que se reconhece a riqueza e a multiplicidade que sua constituição abarca. Além disso, a escuta radiofônica é um hábito que acaba passando de geração a geração; transforma-se, mas em grande parte das vezes, persiste. E é justamente o reconhecimento da existência dessa persistência, que toma lugar na escuta, e que em perspectiva de trajetória é transformada em habitus de consumo, em usos, sentidos, significações que a investigação busca compreender.

É nesse contexto que esta investigação está situada, considerando especialmente as relações existentes entre o rádio e seus públicos, buscando compreender as maneiras como se dão as manifestações, apropriações, usos, recusas, entre outros, com relação à oferta midiática radiofônica, por parte dos ouvintes, buscando também subsídios para tentar relacionar os modos como se apresentam as configurações entre a escuta passada e presente e as significações geradas por indivíduos idosos.

Dados preliminares

Entre os dados obtidos até o momento pela pesquisa, talvez o primeiro ponto a ser destacado é o que diz respeito à verificação da existência de uma trajetória de escuta que pudesse ser identificada e também expressa.

O que se pode dizer, em um primeiro momento, após um olhar panorâmico sobre os dados advindos da etapa exploratória da investigação, é a multiplicidade de configurações que, através de cada trajetória particularmente construída com o rádio, se percebe a construção de memórias radiofônicas. Existe uma série de convergências que



encaminham para marcas coletivas de constituição destas memórias. Mas a maneira como se dá essa articulação entre o individual, o particular, com o geral, o socialmente articulado, tem se apresentado fascinante. Cabe mais uma vez ressaltar a composição do grupo de indivíduos que fizeram parte dessa etapa do trabalho. São pessoas que foram entrevistadas basicamente em dois locais⁴ de Porto Alegre e que estão na faixa etária acima dos 65 anos.

O desenho do instrumento para captar as manifestações acerca dos questionamentos sobre a escuta radiofônica foi realizado de forma que as questões propostas partissem da *escuta presente*. Sendo assim, foi pensado que, mobilizando as referências mais próximas, seria mais produtivo obter as informações sobre um cotidiano de escuta vivenciado na atualidade, bem como ser esta uma possibilidade de entrada para abordar questões sobre a escuta passada. Essa estratégia revelou-se eficaz na medida em que foi possível realizar essa “ponte” entre o passado e o presente, partindo de referências da escuta atual. Nesse sentido, são de grande valia as formulações desenvolvidas por Maurice Halbwachs, Beatriz Sarlo, Paul Ricoeur, que ressaltam que o passado é sempre uma construção realizada e mobilizada a partir do presente.

Nessas construções da escuta cotidiana presente, expressam-se diferentes modos de se relacionar com o rádio, diferentes gostos construídos, diferentes inserções da escuta no dia-a-dia. Expressões particulares que, como já foi mencionado, participam na conformação de uma cultura radiofônica da recepção. No entanto, existem marcadamente pontos observáveis onde é possível identificar fortes convergências no que se refere a formas de consumo, relações estabelecidas com a escuta, o papel atribuído ao rádio no cotidiano. É o caso de uma preferência muito forte e marcada no que diz respeito às emissoras de Amplitude Modulada (AM). Em uma época como a que estamos vivenciando, onde as mudanças ocorrem com muita rapidez e de maneira praticamente constante, pode-se dizer que o rádio não está à parte desse processo. Estão em curso mudanças de caráter tecnológico⁵ e também estrutural que dinamizam discussões sobre o meio e oferecem outras possibilidades, outros arranjos possíveis. E nesse cenário está o grupo de ouvintes, idosos, que participam dessa investigação, e que revelam uma preferência muito marcada com relação ao rádio AM. Há também a

⁴ Na Federação dos Aposentados e nas atividades esportivas do Ginásio Tesourinha.

⁵ Refiro-me aqui à implantação do rádio digital no Brasil.



presença de escuta de emissoras em Frequência Modulada (FM), mas ela é bastante inferior na comparação com a AM. Dos entrevistados, houve apenas um caso de escuta exclusiva da FM. Já a escuta de emissoras AM aparece no relato de pelo menos 70% dos entrevistados⁶. Fica então essa importante marca a ser aprofundada nas próximas etapas da investigação, acerca dessa forte presença da escuta de emissoras AM.

E, no interior dessa escuta que tem a AM como principal referência, encontram-se algumas emissoras que aparecem com destaque. Entre elas estão Farroupilha, Gaúcha, Guaíba⁷ e Caiçara⁸. São preferências que estão vinculadas aos gêneros que essas rádios ofertam, em alguns casos aos seus apresentadores/comunicadores, mas que são também indicativos a serem fortemente explorados pela investigação. E dessas indicações, alguns pontos já podem ser analisados, mesmo que ainda preliminarmente. É o caso do gênero musical. É muito interessante a participação que a música tem no cotidiano dos entrevistados. São praticamente 80% dos ouvintes que têm a preferência pela programação musical⁹ no seu repertório de escuta. Nesse sentido, ela se apresenta como um gênero mais apreciado do que um outro, que historicamente possui grande força e importância no rádio, que é o noticioso ou informativo. Para esse, a preferência é de 58% dos entrevistados, deixando ainda para trás o esportivo, que também representa uma marca da programação radiofônica, com 16%. São apreciações que ainda carecem de maiores subsídios, que precisam ser confrontadas com outros dados que ainda estão sendo obtidos. Nessa amostra, existe uma porcentagem grande de mulheres, mas nem por isso é possível estabelecer relações simplistas como, “mulheres gostam de música e homens gostam de esporte” porque isso não necessariamente representa a realidade. Tanto que na composição dos que buscam esporte no rádio estão mulheres, e o gosto pelo musical é fortemente compartilhado também pelos homens da amostra.

As referências feitas à música estão relacionadas aos estilos e preferência dos ouvintes, no âmbito dos gêneros musicais. Vinculam a música também a um outro aspecto que está muito presente nas referências estabelecidas, onde o rádio, com um

⁶ Essa escuta pode ser uma mescla entre emissoras AM e FM, ou exclusivamente AM. Os números que estão sendo referendados nessa análise estão relacionados ao universo de 19 entrevistados da etapa exploratória.

⁷ Cabe aqui um destaque relacionado à Rádio Guaíba. Das citações que relatam a escuta de FM, que totalizam pouco mais de 26%, a Guaíba FM é a mais citada.

⁸ Essas são as emissoras que mais aparecem, mas ainda foram citadas, com menos referências, Pampa, Bandeirantes e Rádio da UFRGS, todas AM.

⁹ Em alguns casos a música aparece como preferência única, mas essa é a minoria das ocorrências. Na maior parte das vezes ela vem acompanhada por outros gêneros também, como o informativo, o esportivo, etc.



destaque especial para a música, exerce pelo menos dois papéis: o de preencher o ambiente, ou seja, o som como uma presença, como um elemento de quase corporificado; e outra é a música como distração, como a possibilidade de abstrair, de desvincular, mesmo que momentaneamente, da realidade, representando também uma oportunidade de relaxamento. Com a música essas características parecem ficar mais evidentes, mas elas marcam presença nas construções acerca da escuta de rádio como um todo. Fica então o registro dessa forte marca que precisa ser investigada a fundo para que melhor se compreendam seus sentidos e vinculações.

Como foi exemplificado, a informação, o caráter noticioso que o rádio também mobiliza foi um componente ressaltado pelos entrevistados. Nesse primeiro momento, diria que esse dado aponta para uma forte característica que se estende pelo tecido social. A informação se converteu e ganha cada vez mais importância como um bem simbólico imprescindível nos tempos atuais. Ter acesso a um número cada vez maior de informações, preferencialmente no menor espaço de tempo possível, transformou-se hoje em uma necessidade, a qual o público entrevistado também demonstra compartilhar. Alia-se então uma característica de gosto pelo meio de comunicação, que permanece com o passar do tempo, a uma necessidade mais contemporânea, que é a da constante atualização. Além disso, vincula-se a essa relação um outro elemento característico da informação radiofônica e bastante apreciado por grande parte dos ouvintes entrevistados: a constante divulgação de dados sobre o tempo/temperatura e a hora. Para os ouvintes, essas são características imprescindíveis, não pensam o rádio sem elas. A construção que transforma a escuta de tempo/temperatura e hora em um habitus incondicional representa uma marca da produção de rádio e um elemento de forte identificação com o ouvinte.

Acerca dos gêneros referendados na escuta presente, certamente o destaque é para música e notícias. O esporte, como foi citado, é um elemento que ainda precisa ser melhor testado, pois é reconhecidamente um gênero tradicional do rádio. Não necessariamente só por isso uma forte escuta deveria lhe ser atribuída, mas é uma questão que precisa ser trabalhada. Com pequena presença apareceram gêneros relacionados ao religioso (católico) e também alguma referência a programas em que há um protagonismo marcante do apresentador. E com relação a isso, também chama a atenção o fato da pequena presença de citações relacionadas a esse tipo de programa,



uma vez que se têm referências de que seriam bem aceitos pela audiência. Talvez um outro perfil de público. Também é um elemento que necessita ser ainda abordado.

A partir das referências estabelecidas no que se refere à escuta presente, ao cotidiano de escuta radiofônica, passou-se a indagar sobre as lembranças relacionadas à escuta passada. Nesses relatos então a presença do rádio desde muito cedo na vida dessas pessoas, geralmente desde a infância. É nesse período então que começam a ser delineados os gostos, os habitus e as competências relacionadas ao rádio. Esses movimentos de resgate geralmente são marcados por recomposições de cenários, recordações de épocas, de pessoas, de momentos vividos e trazem consigo o radiofônico. E nesse movimento de rememorar, também são diversas as formas com que se apresentam. Para alguns, as lembranças se “montam” quase que instantaneamente, gerando até mesmo expressões como “lembro como se fosse hoje”. Para outros, as lembranças precisam ser estimuladas, precisam de um incentivo, precisam de mais referências. Existem outros ainda que já não lembram mais, cada um por suas razões.

O que se revela como um ponto quase unânime nas elaborações que passam a ser feitas sobre o rádio de outros tempos, está relacionado as grandes mudanças pelas quais o veículo passou, transformando-se muito e chegando a ser o que é hoje. São mudanças apontadas no que se refere as programações, aos gêneros, os protagonistas, enfim, transformações muito intensas e que foram percebidas e apontadas por seus ouvintes. Mudanças que para alguns representaram melhorias, mas que na maior parte das opiniões são vistas como tendo gerado também perdas, e perdas expressivas. Nesse sentido é que muitos expressam “sentir saudades daqueles tempos do rádio”. E essa nostalgia não se vincula só as mudanças pela qual alguns gêneros passaram, transformando-se. Mas especialmente por outros que hoje não existem mais, como é o caso dos programas de auditório e dos programas humorísticos¹⁰. Em alguns relatos há uma riqueza de detalhes¹¹ com relação a esse gênero. Foram produtos que marcaram e foram registrados na memória radiofônica.

¹⁰ Atualmente existe uma profusão de programas humorísticos, especialmente em emissoras FM de Porto Alegre. Entretanto, é um estilo de humor muito diferente daquele a que os entrevistados se referem. Seria preciso uma comparação mais sistemática entre essas duas formulações de humor, e especialmente uma confrontação com esses ouvintes, já que eles disseram não terem tanto conhecimento sobre esse “novo” humor, uma vez que não são público de emissoras FM.

¹¹ Uma das referências recorrentes diz respeito ao programa O Grande Rodeio Coringa, programa de auditório que apresentava quadros de humor e era realizado pela rádio Farroupilha.



Um outro gênero muito relacionado¹² acerca do rádio no passado é o das radionovelas. Há um saudosismo evidente relacionado a esse tipo de programa que não existe mais no rádio. Com a extinção das radionovelas, alguns “migraram” para as telenovelas. Nem todos, pois nas produções para a televisão não encontram o componente do imaginário que tanto era trabalhado e mobilizado pelas radionovelas. Foi certamente um gênero marcante e muito presente na trajetória de escuta desses ouvintes. E aparecem ainda as referências relacionadas aos programas de auditório, outro marco nas lembranças radiofônicas dos entrevistados. Nesse caso, aparecem diversos relatos entusiasmados¹³ e também saudosos de tais vivências. Alguns relatam como o fato de participar, assistir ao vivo esses programas era um importante evento no cotidiano. Havia toda uma preparação, grupos eram reunidos, existia sempre muita expectativa em torno dessas vivências.

E estabelecendo uma relação muito forte com o que foi relacionado na escuta presente, a música também tinha um lugar muito importante na audiência daquela época. Os gêneros musicais elencados eram variados, e muitos ressaltam que esse gosto permanece até os dias atuais. Nesse período, lembram que tinham a chance de assistir os artistas ao vivo, em ocasiões como os programas de auditório. O que pode se perceber então é que esse gosto pela escuta da música no rádio permaneceu. É um gosto que é certamente composto por uma série de marcas que permaneceram, ao mesmo tempo que negocia com as modificações que se desenvolveram no tempo.

No que se refere às emissoras mais citadas com relação à escuta passada, estão Farroupilha, Gaúcha e Guaíba. Em escala bem menor aparecem emissoras do interior do estado, sendo que uma parte dos entrevistados migra para Porto Alegre na idade adulta, e algumas citações relacionadas às grandes emissoras do centro do País, como a Rádio Nacional do Rio de Janeiro e a Rádio Tupi, de São Paulo. Com relação às emissoras de Porto Alegre, há o reconhecimento por parte dos entrevistados das mudanças pelas quais elas passaram ao longo do tempo. Citam, por exemplo, a Rádio Farroupilha, que realizava os programas de auditório, radionovelas e que hoje, mesmo conservando o nome, é uma outra emissora.

¹² Dos entrevistados, são 47% que fazem referência as telenovelas como um gênero apreciado na escuta passada.

¹³ Entre os programas de auditório mais lembrados está o Clube do Guri, que era conduzido por Ari Rego e também realizado pela rádio Farroupilha. Há referências sobre a estréia de Elis Regina neste programa. Um dos entrevistados conta orgulhoso que viu apresentações da cantora.



Em todas essas exposições acerca da trajetória radiofônica é possível identificar a realização de vinculações, comparações acerca dos estilos, dos gêneros, da maneira como os programas eram produzidos, as mudanças observadas, o que permanece, o que se distingue. Ou seja, a convivência cotidiana, com sentidos tão fortemente marcados na relação com o rádio, capacita os indivíduos a tecerem percepções e também análises sobre o desenvolvimento do rádio, desde a sua perspectiva, a do ouvinte. É possível observar claramente que houveram importantes modificações nos habitus de escuta dessas pessoas, e isso, pelo menos nesse momento, se mostra a partir de duas vertentes. A primeira delas está diretamente relacionada as modificações pela qual o rádio atravessou. Nesse sentido, é possível claramente observar as relações que os processos midiáticos instauram. São mudanças implementadas na esfera da produção que encontram uma correspondência, de acordo com suas lógicas próprias, no âmbito da recepção. A segunda vertente mencionada tem relação com as mudanças operadas na vida particular de cada um desses indivíduos. No entanto, novamente há nesse aspecto dimensões de caráter individual e coletivo.

E, coletivamente, é possível dizer que essas pessoas estão vivenciando uma mesma fase de suas vidas, cada qual em sua trajetória, mas todos experimentam o fato de se tornarem ou estarem em vias de ser idosos. Para alguns, essa circunstância pode ter modificado aspectos estruturais da vida, como o trabalho, implicações na organização do cotidiano, etc, sem, no entanto, representar mudanças drásticas. Para outros, essa fase da vida está marcada por desestruturações completas, pela necessidade de organizar formas de convivência completamente distintas. São os casos em que se explicitam relatos da vida com os filhos, com netos, da mudança de uma vida centrada em seus gostos e habitus para ter que negociar com outros. Tais movimentos acontecem especialmente em função de questões de ordem econômica, sendo que ou os filhos e netos buscam amparo na moradia desses indivíduos, ou então são eles que precisam o amparo econômico dos familiares.

Esses movimentos interessam porque é latente o quanto eles promoveram mudanças nas rotinas de escuta radiofônica. Para aqueles que modificaram a sua estrutura de vida, tendo que conviver com outras pessoas, outros gostos, outros costumes, a escuta de rádio também precisa ser negociada. Há que se cuidar para não fazer barulho, os netos já não gostam dos estilos musicais de sua preferência, o som dos filhos ou netos interfere na escuta do seu programa de preferência. Ou seja, importantes



transformações que precisam ser muito bem observadas e analisadas. De todas as formas, mesmo os que experenciam essas adversidades, que implicam também no relacionamento com o rádio, fazem questão, de uma maneira ou outra, perpetuar o hábito da escuta.

Também é importante ressaltar que a composição dessa amostra que integra a etapa exploratória foi construída no sentido de privilegiar a diversidade de indivíduos no que se relaciona, em primeiro lugar, à escuta radiofônica, ao gênero, à escolaridade, classe social. O trabalho foi realizado privilegiando os aspectos de relação com o rádio, no entanto, esses outros itens também foram considerados. No que se refere à escolaridade, é observado um fenômeno que ultrapassa outras dimensões, até mesmo como classe social. A grande maioria desses indivíduos teve como formação escolar somente o ensino fundamental, completo ou incompleto. Nos que se observa uma classe social mais elevada, chegaram ao ensino médio, e só uma minoria cursou o ensino superior. Talvez seja possível nesse momento, em um caráter preliminar, dizer que essa relação de pouca escolaridade e gosto pelo rádio tenham alguma vinculação. No sentido que o rádio mobiliza a oralidade, uma forte marca de nossas culturas populares. Sendo assim, a escuta radiofônica poderia estar operando também como um possível espaço de reconhecimento e até o lugar onde se busca suprir demandas que a escolaridade formal não atendeu. É uma possibilidade que precisa ser considerada.

Também houve uma preocupação em relacionar indivíduos com diferentes idades, mesmo que todos incluídos em uma faixa etária superior aos 65 anos. Isso porque diferentes idades representam também diferentes histórias individuais e diferentes vivências. Não interessa em nenhum momento a essa investigação considerar idoso como uma classificação homogênea. Essa geração marca um tempo específico de consumo radiofônico, que é repleto de distintas nuances que precisam ser consideradas.

Com relação às atividades a que se dedicam no seu cotidiano, há uma diversidade bastante grande. Há aqueles que ainda exercem alguma atividade profissional, os que realizam as tarefas domésticas, os que praticam esportes, os que se dedicam a trabalhos voluntários, os que cuidam dos netos, enfim, nesse aspecto se observam muitas formas de organizar e desenvolver o seu dia-a-dia. Entender essas relações também é relevante na medida em que é nesses arranjos cotidianos que a escuta presente estará inserida. E além disso, é também importante entender como a vida era



organizada em outras fases para que se possa compreender que papel o rádio desempenhava em outros momentos e acompanhar também as suas transformações nessa trajetória. Tudo isso para que se possa realmente compreender e analisar usos, habitus e lógicas de consumo radiofônico e vinculá-los na formação de conformação das memórias radiofônicas.

O que se objetiva então é realizar um trabalho que possa também representar uma contribuição aos estudos realizados no âmbito do campo da comunicação, especialmente no que diz respeito à relação do rádio e seus públicos. E de uma forma ainda mais detida, seria possível dizer que o trabalho que a investigação se empenha em desenvolver, nessa busca em compreender elementos que estão relacionados à trajetória dos ouvintes com o rádio, promovendo dessa maneira uma articulação entre escuta passada e presente, é um esforço que se caracteriza por ser tanto árduo quanto relevante.

Especialmente se for considerado o fato de que essa trajetória que se busca compreender, onde são relacionados ouvintes que acompanharam o desenvolvimento do rádio desde o começo de sua popularização, em meados da década de 1930 e 1940 do século passado, só poderá ser descrita e analisada na atualidade, nesses próximos anos. Essas memórias radiofônicas que emergem a partir da história desses ouvintes com o rádio não serão mais possíveis de serem acessadas daqui a alguns anos, pois os protagonistas dessa história, esses ouvintes, não estarão mais aqui para relatá-la.

Dessa maneira, o direcionamento dado nessa investigação é um trabalho realizado no tempo presente, que a partir dele também olha para o passado, com a preocupação de ofertar tais registros para o futuro, onde poderá auxiliar na compreensão de outros processos, com outros protagonistas e suas memórias midiáticas e miditizadas.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, G. **Devaneio e rádio**. In: Teorias do rádio – textos e contextos, v.1.

MEDITSCH, E. (org). Florianópolis: Insular,2005.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____ **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.



BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BIANCHI, G.S. **A escuta popular por María Cristina Mata**. In: MEDITSCH, E. (org). Teorias do rádio – textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Rural Vivido e Mdiatizado** – relações simbólicas e sentidos produzidos a partir da escuta dos programas radiofônicos Hora do Chimarrão e Brasil de Norte a Sul por ouvintes das comunidades rurais Linha Batistela, Povoado Coan e Linha Bigolin. Dissertação de mestrado/PPG Com UNISINOS, São Leopoldo, 2003.

BOSI, E. **Memória e Sociedade** – lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP, 2007.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GÓMEZ VARGAS, H. **Los usos sociales de la radio – que no pare la musica**. In: Estúdios sobre las culturas contemporâneas, n. 16/17. Editorial Programa Cultura Universidade de Colima, 1994.

_____. **En búsqueda de la audiência radiofônica**. Revista Comunicación y Sociedad, n. 14/15, p. 83-107, jan./ago, 1992.

_____. **Biografías Radiofônicas y mundos sociales paralelos**. In: Revista Signo y Pensamiento, n.33. Universidad Javeriana: Departamento de Comunicación, p. 59-76, 1998.

GRISA, J. **Histórias de ouvinte**. Itajaí: Univali, 2003.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HAUSSEN, D. **Rádio e política**: tempos de Vargas e Perón. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

MALDONADO, A. E., BIANCHI, G. S., GUTERRES, A., BECKER, F. **As estruturas televisuais sobre a América Latina nas redes Bandeirantes, SBT e Globo: produtos midiáticos, estratégias e recepção**. Relatório de Pesquisa da PPG Comunicação. São Leopoldo, Unisinos, 2003.

MALDONADO, A.E. et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação. Olhares, trilhas e processos**: Sulina, 2006.

MARTÍN-BARBERO, J. **De los medios a las mediaciones**: comunicación, cultura y hegemonía. Santafé de Bogotá: Convenio André Bello, 1998.

_____. **Los ejercicios del ver** – hegemonía audiovisual y ficción televisiva. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.

_____. **Oficio de cartógrafo** – travesías latinoamericanas de la comunicación em la cultura. Santiago do Chile: Fondo de Cultura Econômica, 2002.



_____ **Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século.** In: Sociedade Midiatizada. MORAES, Denis de (org). Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MATA, M.C. **De la cultura masiva a la cultura mediática.** In: Diálogos de la Comunicación. Lima. n. 50 Peru: Editora, 1999.

_____ **Radio: memorias de la recepción** – aproximaciones a la identidad de los setores populares. In. Diálogos de la Comunicación, n 30. Lima, 1991.

_____ **Rádio: memórias da recepção:** aproximação à identidades dos setores populares. In: Teorias do Rádio – textos e contextos, v.1. MEDITSCH, E. (org). Florianópolis: Insular, 2005.

OMAR, R. **Narrativas de la radio.** In: Narrativas mediáticas: o cómo se cuenta la sociedad de entretenimiento. Barcelona: Editorial Gedisa, 2006.

PORTELLI, A. **A filosofia e os fatos.** Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Tempo*. Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 59-72, 1996.

SARLO, B. **Tiempo pasado.** Cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión. Buenos Aires: Siglo XXI, Buenos Aires, 2005.

THOMPSON, P. **A voz do passado** - História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, A. **Recompondo a memória:** questões sobre a relação entre história oral e as memórias. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 15. Abr. p. 51-84, 1997.

VERÓN, E. **Fragments de un tejido.** Barcelona: Editorial Gedisa, 2004.

_____ **La semiosis social** – fragmentos de una teoria de la discursividad. Barcelona: Editorial Gedisa, 1998.

WINCOUR, R. **Ciudadanos Mediáticos.** La construcción de lo público em la radio. Barcelona: Gedisa, 2002.